



Fig. 1: Sebastião Salgado na exposição *Gênesis* (SESC Belenzinho, 2013). Imagem: Atílio Avancini.

ESPECIAL

NAS FOTOGRAFIAS DE SEBASTIÃO SALGADO, O MUNDO NA CONTRALUZ

ATÍLIO AVANCINI
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: Este artigo e ensaio fotográfico tem como objetivo reunir um breve histórico do legado do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. O universo poético do fotógrafo capixaba adentra de modo original o mundo da arte. O fotógrafo narra histórias em série, sendo o preto e branco um dos aspectos mais marcantes de sua produção imagética. Salgado presta tributo à beleza do planeta, mas a humanidade em crise é o tema central de sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: arte; fotodocumentarismo; repórter fotográfico; leituras da imprensa; Amazônia.

ABSTRACT: This article and photo essay aims to bring together a brief history of the legacy of Brazilian photographer Sebastião Salgado. The poetic universe of the photographer from Espírito Santo enters the world of art in an original way. The photographer narrates stories in series, with black and white being one of the most striking aspects of the most striking aspects of his image production. Salgado pays tribute to the beauty of the planet, but humanity in crisis is the central theme of his work.

KEYWORDS: art; photo documentary; photojournalist; press readings; Amazon.



Um fotodocumentarista que percorre 130 países buscando, dentre outros, povos indígenas, pessoas em guerra, trabalhadores manuais, refugiados em trânsito e povos isolados. Este é o fotógrafo Sebastião Salgado (1944-2025), que deixa uma memória imagética monumental retratando — e denunciando — as injustiças da humanidade. O fotógrafo capixaba da vila de Conceição do Capim gradua-se em Economia pela Universidade do Espírito Santo, e desenvolve mestrado na Universidade de São Paulo e doutorado na Universidade de Paris.

Economista de formação marxista, a ida a Paris é uma proteção a uma eventual perseguição promovida pela ditadura militar brasileira. Casado em 1967, com Lélia Wanick Salgado, dois anos depois o casal reside na Cité Internationale Universitaire de Paris (Maison du Brésil), lugar de estudantes pesquisadores. Depois, o economista consegue emprego na Organização Internacional do Café.

E Lélia se matricula no curso de arquitetura da Escola Nacional Superior de Belas Artes. Sebastião adquire a câmera Asahi Pentax para ajudar Lélia a fotografar conjuntos arquitetônicos, mas acaba utilizando-a em suas viagens à África. Com isso, fica mais interessado pelos seus álbuns fotográficos do que pelas planilhas voltadas à produção de café.

A fotografia de rua (*street photography*) e o momento decisivo são suas referências. Esses princípios, derivados principalmente da ação do repórter fotográfico Henri Cartier-Bresson (1908-2004), exaltam o mundo moderno, a velocidade e a civilização urbana. A prática do momento decisivo de câmera Leica na mão é permeada pela ética da fotografia humanista, que busca tratar o transeunte como cidadão. Vale dizer que as agências de fotojornalismo Gamma e Magnum — esta última criada em 1947 pelos fotógrafos Henri Cartier-Bresson, David Seymour, George Rodger, Robert Capa e William Vandivert — é onde Sebastião Salgado começa a trabalhar no final da década de 1970.

Fig. 2: Sebastião Salgado, *Ecuador*, 1982, da série *Outras Américas*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.



O uso do preto e branco é um dos aspectos mais marcantes da produção imagética de Sebastião Salgado. “A fotografia em preto e branco passou a ser o seu território de luta” (Chiodetto, 2025, p. B12). Entretanto, engana-se quem acredita que o preto e branco é uma abstração da visão e a fotografia colorida mimetiza o real. Ao contrário, Salgado reitera que a cor o distraía. E esse aspecto está presente em todos nós pelo desvio promovido pela visão das cores: as células fotossensíveis da retina – os bastonetes e cones – são aproximadamente 132 milhões em cada olho, os cones (ondas coloridas) são 7 milhões e os bastonetes (ondas em preto e branco) respondem por 125 milhões. Ou seja, a sensibilidade à luz dos bastonetes é cem vezes maior do que a dos cones e está mais próxima da realidade.

NARRATIVAS VISUAIS

O fotógrafo Sebastião Salgado narra histórias em série – o conjunto de todos os eventos passados em narrativas visuais. Uma fotografia separada é uma palavra da história, já uma série é uma frase da vivência histórica. O impacto de seu trabalho constrói a sua imagem de fotógrafo brasileiro criativo e politicamente engajado tanto nacional quanto internacionalmente. Algumas séries merecem destaque.

Fig. 3 (esq.): Sebastião Salgado, *Bolivia*, 1983, da série *Outras Américas*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.

Fig. 4: (dir.): Sebastião Salgado, *Mali, Africa*, 1985, da série *Sahel: o homem em pânico*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.





Outras Américas (1986) narra visualmente os povos indígenas da América Latina e o manifesto *Sahel: o homem em pânico* (1986) discorre sobre a seca no norte da África — em parceria com a associação sem fins lucrativos Médecins Sans Frontières. *Trabalhadores* (1993) expõe a exploração do homem pelo homem na mecanização das linhas de produção e os últimos sinais do trabalho manual no planeta. *Êxodos* (2000) conta a história da humanidade em trânsito, antecipando a crise do século XXI ao demarcar o abandono da terra natal em busca de sobrevivência. A fuga da pobreza ou da guerra não é por vontade própria, atingindo 30 milhões de refugiados (hoje este número está quadruplicado). A pauta da viagem em retirada é plástica e fotográfica, Salgado dedica a esse projeto seis anos e passa por 40 países. *Gênesis* (2012), resultado de oito anos de viagens por 35 países, retrata as comunidades indígenas que vivem dentro de tradições ancestrais. Fazem parte também da narrativa os animais em extinção e a pujança da natureza em florestas tropicais, além de desertos e geleiras.

Fig. 5 (esq.): Sebastião Salgado. Trabalhador faz a manutenção dos tubos — parte do sistema eletrônico. Dunquerque, França, 1987, da série *Trabalhadores*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.

Fig. 6 (centro): Sebastião Salgado. Campo de refugiados ruandeses de Benako. Tanzânia, 1994, da série *Êxodos*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.







Amazônia (2021), fruto de sete anos de expedições fotográficas por terra, água e ar, promove a aproximação a populações indígenas e a preservação do bioma – retrata os rios voadores a ocupar metade do território brasileiro. Entre 2017 e 2021, a *Folha de S.Paulo* acompanhou-o nessas pesquisas pela Amazônia, que renderam dez reportagens especiais. “O maior conjunto editorial já publicado sobre indígenas no Brasil em toda a história da imprensa do país” (Serva, 2025, p. B7).

LEITURAS DA IMPRENSA

Salgado diz que a sua intenção fotográfica é para o sofrimento alheio ser divulgado, ou seja, a câmera como microfone. Mas ao fotógrafo é preciso financiamento, saúde, coragem e desapego para compartilhar lugares inóspitos. Sem dúvida, devemos acreditar na causa. Mas há o contraponto de Susan Sontag de que “a capacidade de reagir a nossas experiências com frescor emocional e com pertinência ética vem sendo minada pela difusão implacável de imagens vulgares estarrecedoras”

(2003, p. 27). Não que as fotos de Salgado sejam vulgares, mas a difusão midiática acaba minando e nivelando para baixo trabalhos aprofundados. O fotógrafo sintetiza o brasileiro como um ser voltado ao trabalho, que sabe o que é a humilhação e a dor.

O autor deste artigo promove uma consultoria para o projeto editorial *Leituras da Imprensa* (2000)¹, a partir de Êxodos (2000), cujo material didático procura oferecer uma compreensão dos processos de difusão da fotografia na mídia escrita.

Fig. 7, 8 e 9 (págs. anteriores, em sequência): Sebastião Salgado. O Lado Oriental de Brooks Range, Arctic National Wildlife Refuge, Alasca, EUA, 2009, da série *Gênesis*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.

Sebastião Salgado. Monte Roraima, estado de Roraima, Brasil, 2018, da série *Amazônia*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.

Sebastião Salgado. Vista aérea do rio Jutai, estado do Amazonas, Brasil, 2017, da série *Amazônia*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.

Fig. 10 (dir.): Sebastião Salgado. No Alto Xingu, Mato Grosso, índios Waurá pescam na lagoa Piyulaga, perto da sua aldeia. Mato Grosso, Brasil, 2005, da série *Gênesis*. Imagem: © Sebastião Salgado / Amazonas images.





Fig. 11: Sebastião Salgado e Lélia Wanick Salgado na exposição *Gênesis* (SESC Belenzinho, 2013). Imagem: Atílio Avancini.

Uma das nossas reivindicações está relacionada aos direitos de acesso à informação e à garantia da pluralidade ideológica nos meios de comunicação. Nosso ponto de partida foi pautado no fato de a imprensa não só informar, mas também formar.

Converso com Lélia e Sebastião na inauguração da exposição fotográfica

Gênesis (SESC Belenzinho, 2013). Um encontro que resultou nas imagens do casal documentadas neste artigo. Com organização e curadoria de Lélia Wanick Salgado, o livro *Gênesis* e também a mostra dividem-se em cinco seções: “Sul do Planeta”, “Santuários”, “África”, “Terras do Norte”, “Amazônia e Pantanal”. Registram os diferentes ecossistemas fotografados em 32

viagens. “As paisagens, animais e pessoas vão se sobrepondo”, argumenta Lélia. “Assim, optamos por grandes capítulos, cada um deles representa uma região que abrange vários ecossistemas principais. O leitor e o espectador podem ter uma compreensão maior desse planeta desconhecido” (Kiyomura, 2013, p. 205).



Fig. 12: Sebastião Salgado na exposição *Gênesis* (SESC Belenzinho, 2013). Imagem: Atílio Avancini.

Em fevereiro de 2020, às margens do canal Saint-Martin, encontro Salgado por acaso, andando calmamente pelo décimo distrito — *dizième arrondissement de Paris* —, onde iria trabalhar em seu ateliê de fachada azul, sem qualquer placa indicativa. Chama a atenção o mestre das imagens andando pelas ruas de modo tão desconhecido do público francês. Conversamos e, na despedida, faço o seu retrato, que aqui disponibilizo.

A exposição *Amazônia* (SESC Pompeia, 2022) apresenta fotografias impressas em grandes ampliações (algumas imagens autorais registradas no local expositivo estão aqui disponibilizadas) para recuperar o olhar contemplativo diante das informações fragmentadas das redes sociais. Salgado afirma que nas telas eletrônicas não há mais fotografias, mas imagens, por isso valoriza a impressão fotográfica em exposições. Segundo Wagner Souza e Silva, tal depoimento “deve ser considerado um convite à reflexão a respeito da inserção e impacto de sua obra frente às drásticas mudanças no consumo da fotografia nas últimas décadas” (Avancini; Souza e Silva, 2023, p. 189).

APOSTA FINAL

O fotógrafo penetra o universo poético para adentrar de modo original o mundo da arte. Em seu trabalho, do mundo na contraluz oferecido pelo recorte em preto e branco, a face sombreada é destacada, revelando aspectos não óbvios e imprevisíveis. “Uma resistência contra a homogeneização cultural?” (Avancini, 2006, p. 17).

Em 2017, Salgado é selecionado para a Academia de Belas-Artes da França, distinto reconhecimento a um artista sul-americano. Seu falecimento, em 23 de maio de 2025, ocorre na véspera da abertura da exposição de seu filho Rodrigo, que tem síndrome de Down, na catedral francesa em Reims, com 12 obras aplicadas em vitrais renascentistas. Já o filho mais velho, Juliano, é indicado ao Festival de Cannes — menção especial do júri (*Un Certain Regard*) — e ao Oscar — melhor documentário — com o audiovisual *O Sal da Terra* (2014). A vida e o trabalho de Salgado são revelados pelo filho, que o acompanha nas suas últimas viagens, e pelo cineasta Wim Wenders, também fotógrafo. Hoje, Juliano cuida do Instituto Terra com a meta de recuperar nascentes na bacia do Rio Doce.

O legado fotográfico de Salgado presta tributo à beleza do planeta, mas a humanidade em crise é o tema central de sua obra — conflitos, desigualdade, fome, êxodo, violência e destruição. A aposta final de Sebastião é buscar a harmonia na oposição doce-sal, que irá se manifestar quando o sal da terra revitalizado resgatar o Rio Doce na região de Aimorés, no Espírito Santo.

Fig. 12: Sebastião Salgado, 2020. Imagem: Atilio Avancini.



NOTAS

1 Leituras da Imprensa (2000) é organizado por Camilo Vannuchi, Geni Rosa Duarte e Maria Helena Paes.

REFERÊNCIAS

Avancini, Atílio. *Atílio Avancini*. Série de Artistas da USP, nº 15. São Paulo, Edusp, 2006.

Avancini, Atílio; Souza e Silva, Wagner. “Da Amazônia mitológica à representação fotográfica”. *Revista USP*, nº 136. São Paulo, jan./fev./mar. 2023, p. 180-92.

Chiodetto, Eder. “Sebastião Salgado fez da fotografia em preto e branco o seu território de luta”. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 24 mai. 2025, p. B12-B13.

Kiyomura, Leila. “A Terra em seu estado mais puro”. *Revista USP*, nº 99. São Paulo, set./out./nov. 2013, p. 204-13.

Paes, Maria Helena; Duarte, Geni Rosa; Vannuchi, Camilo. *Leituras da Imprensa/ fotografias Sebastião Salgado*. São Paulo, Bei Comunicação, 2000.

Salgado, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

Serva, Leão. “Mundo perde Sebastião Salgado, que retratou as injustiças da humanidade”. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 24 mai. 2025, p. B6-B7.

Sontag, Susan. *Diante da Dor dos Outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ATÍLIO AVANCINI

Fotógrafo e professor associado do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP. Professor convidado na Kyoto University of Foreign Studies (2006-2007). Autor dos livros *Atílio Avancini* - Coleção Artistas da USP, nº 15 (Edusp, 2006), *Entre Gueixas e Samurais* (Edusp/ Imprensa Oficial, 2008) e *Lavagem do Bonfim* (Alameda, 2016).